

## Os arlequins

Satyra

BIBLIOTECA  
MUSEO DE LISBOA

Que se viendra dans l'éternité! L'anne d'un  
homme qui a fait pelichinelle toute  
sa vie?

Madame de Staël.

Musa, depõe a lyra!

Cantos de amor, cantos de gloria esquece!

Nova assumpta apparece

Eue o genio move e a indignação inspira!

Esta esphera é mais vasta

E vence a lettra nova a lettra antiga;

Musa, toma a vergasta

E os arlequins fustiga!

Como nos olhos de Roma,

Cadaver do que foi, pallido imperio

De Caius e de Tibério,

O filho de Agrippina onzado assoma;

E a lyra sobraçando,

Abate o povo i'diota ante amedrontado,

Pedia ameaçando

O applauso acostumado;

E o povo, que beijava

Antes'ora os deus Calligula o vertigo,

De novo submettido

As regis saltim banco o applauso dava;  
 E tu, tu não te abrias;  
 O' ceo de Roma, a' scena degradante!  
 E tu, tu não cahias,  
 O' raio chammejante!

Tal na historia que passa,  
 Neste de lures seculo famoso,  
 O engenho portentoso  
 Sabe illudis a nesca população.  
 Não busca o mal truido  
 Canto de out'ora; a moderna insolencia  
 Não encante o ouvido,  
 Fosca a consciencia!

Vede: o aspecto vistoso,  
 O olhar seguro, altivo e penetrante,  
 E certo no arrogante  
 Que impõe com apparencia de esmouros;  
 Não vacille, não tomba;  
 Caminha sobre a corda firme e alerta;  
 Tem coraço a maromba,  
 E a ovação e' certa!

Tamambe gentilera,  
 Tal segurança, ostentação tão grande,  
 A multidão expande  
 Com ares de legitima grandesa;  
 O gosto pervertido  
 Adha o sublime neste abetimento;

IMP. NACIONAL  
 1852

3  
E o vulgo agradece  
Eleva o monumento.

Do saber, da virtude,  
Logra fazer, em premio dos trabalhos,  
Um manto de retardo  
Que a consciencia universal ilude.  
Nao cosa, nao se peja  
Do papel, nem de mascara indecente;  
E ainda inspira inveja  
Esta gloria insolente!

Nao sao contrastes novos;  
Ja' vem de longe; e de remoto dias  
Tomam em civras frias  
O amor da patria e as illusões dos povos:  
Torpe ambição tem peas  
De mocidade em mocidade corre,  
E o culto das ideias  
Trave, convulsa e morre!

Que sonho apeteço  
Leva o animo vel a taes empresas?  
O sonho das baizesas:  
Um fumo que se evola e um vaõ ruido;  
Uma solitras illusoria  
Que adora a turba ignorante e rude;  
Pallida, infesta gloria,  
E mentida virtude!

4

A tão estranha l'ça  
Chega a hora por fim de encerramento;  
E lá s'ão o monumento  
Em que se levra a espada da justiça.  
Lutão, musa de historia,  
Abres o grande livro e serm de burca.  
A' involecida gloria  
Fulminas a sentença!

1864 - Machado de Assis.

